



QUARTA FEIRA 27 DE JULHO DE 1814.

*Doctrina . . . vim promovet insitam,
Rectique cultus pectora roborant. H e r a z .*

Paris 30 de Abril.

CHEGOU El-Rei a *Compiègne* a 28 pelas sete horas e meia da tarde. (*Compiègne* dista 15 legoas de *Paris*.) — Foi alli huma Deputação do Corpo Legislativo, e teve a honra de ser admittida a audiencia de S. M. no dia 29. O Presidente dirigio a S. M. o seguinte discurso:

Sr.: — O Corpo Legislativo nos encarregou de apresentarmos a V. M. suas respeitozas congratulações. — Torna V. M. a vêr-se finalmente no meio desta *França*, que sempre lhe foi tão cara. Vê-se rodeado, apertado pela sua immensa familia; saudarão a V. M. innumeraveis clamores de alegria ao entrar no territorio da patria; elles o seguem e acompanharão até á habitação, de hoje em diante consolada, de seus Augustos Progenitores. — Vinde, Descendentes de tantos Reis, subí áquelle throno onde nossos pais collocarão em outro tempo a vossa Familia Illustre, e em que nós nos damos por mui felices de vos vêr hoje sentado. — Tudo quanto em vão longe de vós haviamos esperado, V. M. no-lo traz; vem V. M. secar todas as lagrimas, sarar todas as feridas. — Ainda vos deveremos mais, Sr.; vão ser cimentadas por V. M. as bases de hum Governo sabio e prudentemente equilibrado. Não quer V. M. entrar unicamente no exercicio dos direitos que bastão á *Authoridade Real*, e á execução da vontade geral; confiada ás suas mãos paternas, virá a ser assim mais respeitavel e mais segura. — Jámais os Representantes da Nação se considerarão mais felices de serem seus órgãos do que nestes momentos de alegria. Depoem elles, Sr., a vossos pés o tributo de seu respeito, de sua dedicação, e de seu amor.

S. M. respondeu: — Senhores do Corpo Legislativo: Recebo com a mais viva satisfação a segurança dos vossos sentimentos; não-me estea

tanto mais preciosos, quanto nelles vejo o penhor de huma perfeita união entre mim, e os representantes da Nação. Só desta união podem nascer a estabilidade do Governo, e a felicidade publica, unico objecto de vossos desejos, e de minha constante solicitude.

Foi a mesma Deputação apresentada a S. A. R. a Senhora Duqueza de *Angouleme*, e lhe dirigio o discurso seguinte:

Senhora: — Depois de dias de lagrimas e de luto, regressa V. A. R. á patria de seus Maiores, e he seu regresso o penhor da reconciliação da *Europa* com a *França*. — Preciosa vergonha de huma longa serie de Monarcas, fostes, Senhora, a companheira fiel do Principe cujo coração vos substituiu o coração de hum pai: vossa coragem e vossa docilidade lhe alliviavão o pezo de seus males; e seus sabios conselhos em vós alentavão virtudes, de que haviã dado já luminosos exemplos. — Desde os mais tenros annos vos souhestes mostrar superior aos grandes infortunios; sois a ufania do vosso sexo; e hum dos mais formosos ornamentos do nosso seculo. Fica sendo hoje V. A. R. a esperanza das gerações: o desgraçado vos espera como a sua protectora e mãe. Pertencem-vos os corações de todos os *Francezes*; tem V. A. R. sobre nós os direitos do nascimento, e os direitos, não menos sagrados da desventura. — Eis-aqui, Senhora, os sentimentos de que os Deputados do Corpo Legislativo se dão por felices de ser interpretes na presença de V. A. R.

S. A. R. a Senhora Duqueza de *Angouleme* tinha ouvido este discurso com viva commoção, e respondeu com a mais tocante affabilidade que era summamente sensivel ao cumprimento dos Senhores Deputados do Corpo Legislativo, e que participava dos mesmos sentimentos e desejos, que acabavão de lhe ser expressados.

Ilum. e a de Maio.

Declaração do Rei, e sua entrada na Capital.
LUIZ, por graça de Deus, Rei da França, e Navarra. A todos os que estas presentes virem, saúde.

Chamados pelo amor dos nossos País; illustrados pelas desgraças da Nação, que somos destinados a governar, he o nosso primeiro pensamento invocar aquella confiança mútua tão necessaria ao nosso repouso, e á sua felicidade.

Depois de termos lido attentamente o plano de Constituição proposto pelo Senado, na Sessão de 6 de Abril passado, temos reconhecido, que as suas bases erão boas, mas que hum grande numero de artigos, tendo o cunho da precipitação com que forão coordenados, não podem na sua forma actual ficar sendo Leis fundamentais do Estado.

Resolvidos a adoptar humna Constituição liberal, queremos que esta seja sabiamente combinada, e não podendo aceitar humna, que he indispensavel corrigir, convocamos para 10 do mez de Junho do presente anno o Senado, e o Corpo Legislativo, obrigando-nos a pôr debaixo dos seus olhos o trabalho, que tivermos feito com humna Commissão escolhida no seio destes dois corpos, e a dar por base a esta Constituição as garantias seguintes:

O Governo representativo será conservado tal qual existe hoje, dividido em corpos; a saber: o Senado, e a Camara composta dos deputados dos Departamentos. O Imposto será livremente consentido. A liberdade pública, e individual assegurada. A liberdade da imprensa respeitada, havendo porém as precauções necessarias para a tranquillidade pública. A liberdade dos cultos affiançada. As propriedades serão inviolaveis e sagradas; a venda dos bens nacionaes ficará irrevogavel. Os Ministros responsaveis poderão ser processados por humna das Camaras legislativas, e julgados pela outra. Os Juizes serão inamoviveis, e o poder judicial independente. A divida pública será garantida; as pensões, graduações, e honras militares serão conservadas, bem como a antiga, e moderna nobreza. A Legião de honra, cuja decoração determinaremos, será mantida. Todo o Francez será admissivel aos empregos civis, e militares. Finalmente nenhum individuo será inquietado por suas opiniões, e por seus votos. Feito em St. Owen em 2 de Maio de 1814.

(Assignado)

Luiz.

Entrada de S. M. em Paris.

Hoje (no dia 3 de Maio) partio S. M. de St. Owen acompanhado pelos membros do Conselho de Estado Interino, dos Commissarios das Repartições ministeriaes, dos Marechaes de Fran-

ça, dos Generaes, que tinham hido apresentando as suas homenagens, e das pessoas, que comparecerão á sua Caza. — Hum concurso immenso dos habitantes de Paris, dos campos visinhos, e dos departamentos proximos se tinha reunido na passagem de S. M., e preludiavão o concerto de aclamações, e homenagens, que hia ouvir levantarem-se de todos os pontos da sua Capital.

O cortejo se formou na ordem prescripta pelo ceremonial determinado pelo Grão Mestre das Ceremonias. Hum destacamento da Guarda Nacional a cavallo, e outro de tropas de linha de cavallaria rompião a marcha. Seguião-se duas carroagens com os Ministros Interinos.

O Arcebispo de Reims, Esmoler-Mór de França, o Duque de Duras, primeiro Gentil Homem da Camera de S. M., o Conde de Breneas, Guarda-ropa Mór do Rei, e o Grão Mestre de Ceremonias da França na mesma carroagem. — O coche d'ElRei, no qual hião S. M., e Madama a Duqueza de Angoulême, o Principe de Condé, e o Duque de Bourbon. S. A. R. Monsieur a cavallo ao lado da portinhola direita do coche do Rei, era acompanhado de parte dos Marechaes de França, e Coroneis Generaes. S. A. R. Monsieur, o Duque de Berry, estava igualmente a cavallo do lado da portinhola esquerda acompanhado dos Marechaes de França, e Coroneis Generaes. O Duque de Gramont, e o Duque de Havré, como Capitães das guardas de S. M. hião igualmente junto das portinholas do coche de ElRei. — O Ministro Interino da Guerra, e o General em Chefe da Guarda Nacional estavão no grupo dos Marechaes de França, não longe de S. A. R. Monsieur, e S. A. R. o Duque de Berry. O Marechal Berthier marchava diante do coche d'ElRei com parte dos Officiaes Generaes. O Marechal Mouton, primeiro Inspector General dos gendarmes, marchava atraz do coche do Rei com parte dos Officiaes Generaes. Seguia-se humna numerosa fileira de carroagens para as Damas de Madama a Duqueza, Officiaes da Caza do Rei, e dos Príncipes; destacamentos de tropa de linha, guardas nacionaes, e gendarmes formavão a marcha.

O Prefeito do Sena, á frente do Corpo Municipal, e o Prefeito da Policia, estavão á espera na barreira, e as chaves erão levadas pelo mais velho dos Maires de Paris. O Barão de Chabrol Prefeito do Sena, pronunciou o discurso seguinte.

“Senhor: O Corpo Municipal da vossa boa Cidade de Paris, depõe aos pés de V. M. as chaves da Capital do Reino de S. Luiz, o Ceo clemente nos restitue em fim os nossos Reis, e concede hum Pai aos votos dos Francezes. Rodea o Throno de tudo o que a dignidade, a desgra-

ça, e a virtude jámais tiverão de mais augusto; e a lembrança dos males passados vem ainda juntar-se-lhe, para o rodear mais estreitamente do amor, e veneração dos Povos.

“A França, debaixo da antiga bandeira dos Lizes, vê preenchidas todas as suas esperanças, e por primeiro benefício a paz do mundo assignala a volta dos Bourbons. Senhor: amor, respeito, fidelidade inviolavel ao sangue dos nossos Reis, eis-aqui o sentimento unanime dos habitantes da vossa boa Cidade; repouso, conciliação, e ventura, tal he a necessidade, e o voto do seu coração, que os discursos paternos de V. M. já tem realisado; que não esperão elles pois de hum Principe, famoso por sua alta sabedoria, por sua ternura inalteravel para os seus vassallos, admirado por suas raras virtudes, e nobre constancia! A imagem de Henrique IV., encoberta por tanto tempo á nossa vista, torna a vér-se neste solemne dia; ella nos recorda tempos tormentosos, aos quaes bem depressa succederão os da felicidade pública; começa de novo hoje o seu reinado. Toda a França, feliz por sua confiança, e amor, volta tambem os seus olhos para os seus Principes queridos, para huma Princeza Augusta, cujo nome recorda tantos sentimentos, e emoções, e exclama nos transportes de alegria, e ternura: Viva o Rei, vivão os Bourbons.”

Acabado o discurso, apresentou o dito Prefeito as chaves da Cidade a S. M., que se dignou responder: “Em fim, eis-me na boa Cidade de Paris; experimento huma viva commoção pelo testemunho, que ella me dá neste momento; nada pôde ser mais grato ao meu coração do que vér tornar a erguer a estatua daquelle de meus nobres antepassados, cuja lembrança me he mais cara. Toco estas chaves, e vo-las entrego: ellas não podem estar em melhores mãos, nem ser confiadas a Magistrados mais dignos de as guardar.”

O cortejo se dirigio á Cathedral na ordem, e pelas ruas indicadas para a entrada do Rei, o qual foi recebido com as ceremonias costumadas em taes actos. O *Domine salvum fac Regem*, foi entoado pela immensa reunião dos espectadores, que enchião a nave principal e as dos lados, o Coro, e as tribunas desta vasta Basilica. Cantou-se depois o *Te Deum*; tinha se escolhido para esta augusta cerimonia o de *Neuchonm*, que foi executado por hum numeroso coreto de músicos. Depois desta cerimonia religiosa, o cortejo se dirigio ás Thuherias.

Não tentaremos descrever o effeito da entrada d'El-Rei na sua Capital, a immensa affluencia de espectadores, que se amontoavão na sua passagem, a que guarnecia as janellas; e todos os lugares elevados, no decurso desta comprida marcha;

Magistrados, Generaes, Cidadãos, Officiaes, e Soldados das tropas alliadas, todos prevavão que não havia mais do que hum sentimento, e só formavão hum voto, e se entregavão a huma só esperanza, a felicidade do Rei pela felicidade dos Franceses. Por toda a parte se ouvia o entusiasmo da unanime aclamação incessante de *Viva El-Rei, Vivão os Bourbons!* que se communicava alternadamente das tropas aos habitantes, e destes aos nossos valorosos Soldados, aos quaes Paris neste grande dia julgou de tributar terna homenagem de admiração, e reconhecimento por esses longos e gloriosos trabalhos, que huma paz solida vai finalmente coroar. — As tropas, destacadas de diversos corpos de exercito para assistirem á cerimonia, tinham sido hontem inspeccionadas por S. A. R. o Duque de Berry, em virtude das ordens de *Monsieur*, Tenente General do Reino, e tinham manifestado na presença do Principe o mais vivo entusiasmo para com a sua Augusta Casa, em quanto marchou o cortejo.

Aos clamores de *Viva El-Rei!* se ajuntavão na passagem destes corpos aclamações, que os designavão com elogio; os Officiaes, e Soldados respondião ainda com mais energia por clamores de *Viva El-Rei, Viva a Guarda Nacional, Vivão os Habitantes de Paris!* Nunca hum sentimento mais natural se tinha tão vivamente manifestado, jámais o amor, e repouso do Soberano, a honra do nome Francez, e o amor da Patria se tinham confundido em huma expressão tão enternecedora, unanime. Foi sobre tudo quando o cortejo se aproximou ao lugar, onde se acabava de levantar a estatua de *Henrique IV.*, que o entusiasmo chegou ao maior auge. A orchestra reunida ao pé da estatua fazia ressoar o hymno nacional consagrado á memoria, e elogio do bom Rei, o povo, e os Soldados o repetião em coro. S. M. parou por algum tempo neste sitio, e pareceo lèr com bastante commoção esta simples, e bella inscripção do pedestal — *LUDOVICO REDUCE, HENRICUS REDIVIVUS*; — e a dos dois Templos levantados perto da estatua — *A concordia dos Franceses. A paz das Nações.*

O Rei chegou ás Thuherias pela volta das seis horas: immenso povo enchia a praça do *Carroussel*, o pateo do Palacio, o jardim, e os eirados. — O Rei, Madama a Duqueza de *Angoulême*, e os Principes, cedendo aos desejos do publico, se mostrarão muitas vezes ás sacadas, e responderão aos testemunhos da publica alegria com a maior benevolencia, e sensibilidade.

A' noite vio-se illuminada toda a Cidade; os edificios publicos o estavam muy ricamente, e as casas particulares, sem excepção ainda mesmo nos bairros mais retirados do centro; inscripções, di-

visas, transparentes, offereção por toda a parte a expressão engenhosa do sentimento publico. — A's 9 horas lançou-se hum bello fogo de artificio na ponte de Luiz XVI.; e não se retirou S. M. para dentro senão depois de ter correspondido ás acclamações, que novamente o saudarão.

Tinha todo o dia estado lindo; estava a noite socegada, o ar puro e sereno. Ficou Paris por longo tempo como hum extenso passeio, entregue, sem a minima desordem, a todas as demonstrações do publico contentamento, e da alegria popular.

NOTÍCIAS MARITIMAS.

ENTRADAS.

Dia 22 de Julho. — (Nenhuma Entrada.)

Dia 23 dito. — Iba Terceira; 63 dias; B. S. Bento Ligeiro, M. Theodoro José da Fonseca, C. ao M., vinho, vinagre, e agoardente. — Buenos Ayres; 25 dias; S. Flor da Bahia, M. Antonio Rodrigues, C. a Simplicio Luiz dos Santos, trigo, farinha, e quina.

Dia 24 dito. — (Nenhuma Entrada.)

Dia 25 dito. — Rio de S. João; 5 dias; S. Livramento, M. Manoel José Antunes, C. a Manoel José da Costa, madeira. — Rio Grande; 9 dias; S. Argelina, M. Francisco Lopes Falcão, C. a Miguel Ferreira Gomes, carne, couros, e trigo. — Villa Nova de Benevente; 12 dias; L. Santa Rita, M. Antonio João, C. ao M., tagiba.

SAHIDAS.

Dia 22 de Julho. — (Nenhuma Sabida.)

Dia 23 dito. — Laguna; L. Santiago Menor, M. Francisco Vicente de Oliveira, lastro.

Dia 24 dito. — Londres; F. Ingleza, Iris, Com. Christian. — Nova Hollanda; E. dito, Somersetsbire, Com. Alexandre Scott. — Portsmouth; P. dito, Hope, Com. Q. A. Santbill. —

Rio de Janeiro.

Segunda feira 25 do corrente, dia Natalicio das Serenissimas Senhoras Princeza do Brazil D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA, e Infanta D. MARIA DA ASSUMPCAM; correu ao Paço grande numero de pessoas das classes mais distinctas, para terem a honra de complimentarem a Suas Altezas Reaes por tão fausto motivo, pelo qual estiverão embandeiradas as embarcações, surtas neste porto, e as fortalezas que o defendem. Por esta occasião se publicarão os Despachos, cujas relações vão separadas.

Londres; G. dita, Brunswick, Cap. William Anderson, generos do paiz. — Liverpool; B. dito; Acorn, M. John Kastata, couros, assucar, e algodão. — Vinerós; P. Hespanhol, Santo Antonio de Padua, M. Vicente Salomão, couros. — Cabinda; B. Deligente, M. Francisco de Mello Magalhães, generos. — Laguna; S. Monte Alegre, M. Carlos José, lastro. — Pernagod; S. Menalia, M. José Joaquim Pereira, lastro. — Buenos Ayres; S. Magdalena, M. Luiz Cardozo, generos do paiz. — Rio Grande; S. Brillante, M. José Ribeiro Alves, lastro. — Dito; S. Nascimento, M. Francisco Ivo Fernando, lastro. — Dito, e Santos; S. Santa Cruz, M. João Martins Nunes, fazendas. — Parati; L. Lapa, M. Thomaz Rodrigues, lastro. — Dito; L. Penha, M. Antonio Martins de Arango, lastro. — Rio de S. João; L. Boa Sorte, M. Francisco Xavier Chaves, lastro. — Santos; L. S. José dos Mares, M. Antonio Coelho Lima, sal. — Tagoabi; L. Senhora da Guia, M. José Dias, lastro.

Dia 25 dito. — Lisboa; B. Vasco da Gama, M. João Alves Carqueja, assucar, caffè, e couros. — Rio Grande; S. Bom Jesus, M. João da Silva Leal, fazendas.

AVISOS.

Quem quizer comprar hum escravo cozinheiro e marinho, e terrar e largar, e governar, e paiz, de idade de 24 annos, pouco mais ou menos, falle com Antonio José Guimarães, morador em S. Francisco da Prainha.

Fugio hum escravo crioulo, de nome Firmino, official de Calafate, de idade de 22 a 24 annos, muito preto, alto, rosto comprido, nenhuma barba, que levou vestia azul de pano, calças de ganga, quem der delle noticia a Custodio José Moreira no canto dos meirinhos, receberá suas alviças.

Quem quizer comprar hum escravo Ferreiro, falle com Antonio dos Santos, com loja de Ferreiro atrás da Capella de Santa Anna.

Vende-se hum escravo ladino, ainda moço, que tem andado embarcado, bom cozinheiro, sem manhas, nem defeito de qualidade alguma; quem o quizer vá á rua da Alfandega á casa n.º 27. Na mesma casa se vende huma carroça quasi nova, muito forte, e segura para qualquer trabalho.

Vendem-se humas terras, com 146 braças de testada, com matos virgens, caça de vivenda, livres de pensio alguma, quem as quizer comprar, procure sua dona na rua da Misericordia n.º 55.

Por Carta Regia de 12 de Julho deste anno de 1814, Foi o PRINCFE REGENTE Nosso Senhor Servido nomear Pregador Regio da Sua Real Capella a Mathias José da Costa e Albuquerque, Abba-de Colado da Igreja de S. Pedro de Quirás, e Mestre Escola Eleito da Se Cathedral de Bragança.